



eis que vivendo intensamente.

Não obstante, aquele que olha de longe jura ter visto um caniço açoitado pelos ventos, cuja intensidade das rajadas o fazem mudar de direção, desordenada e bruscamente ou uma folha ao léu, maltratada pelos ventos figurante do cenário outonal fadada ao escoadouro das águas. Na sociedade dos espetáculos, a turba ensandecida continua desejando *circus* e a olho desarmado, despreza tudo o que não se enquadra nos limites da estética logo... quão pavoroso lhe parece aquele movimento; o comum das gentes repudia tudo o que não pode ser utilizado para o usufruto da fantasia cujos critérios devem incluir o encantamento do Belo, a hipnótica fascinação cujo deslumbramento explode em êxtases de virtualidades que levam ao Não-Lugar, ou seja, ao nada logo... quão terrível lhe parece o rastro da flecha na tormenta. A sociedade do espetáculo que se ocupa de promover aquela alegria despistada, que de tão distraída sequer se dá conta de disfarçar o desespero que a move só atenta para a profundidade das espumas logo... quão abominável lhe parece a solidão onde ocorre esse encontro. Sequer desconfia, aquele que viu de longe, que no outro estágio o indivíduo combate com as potestades do ar e experimenta o cavalgar furioso dos ventos contrários e quando se sente dissolver, aí conheceu o que significa dançar com o vento. Naquele lugar, onde todo e qualquer movimento implica em risco eis aqui a verdadeira arte trágica.

Do ponto de vista temporal, terrestre qualquer tipo de preocupação nesse sentido, não passa de uma ninharia, dando voz ao mundo, não passa de ossos de borboleta a preocupação ou a ocupação que se dedica a esquadrihar o subjetivo, - que é o exercício da verdade interior do indivíduo. Querer a toda prova desentender-se do torvelinho em que consiste sua interioridade, evadir-se da revolução em si mesmo, fugir por cinco caminhos para desembocar na fronteira do império dos sentidos que separa o

homem distraído do seu "eu interior" e o arrasta ao infinito é a resposta manifesta que o espírito do mundo espera do homem: sentir, utilizar, manipular, experimentar. É esse o espírito do mundo cuja maior delícia consiste em mergulhar no mar das multiplicidades, generalidades objetivas e ou virtuais abominando ferozmente qualquer vestígio de individualidade. A distração, velha camarada, sempre inclinada para o objeto, coloca o sujeito diante de uma legião de outros "eus" possíveis e passíveis de serem consumidos e ou cinicamente copiados e reproduzidos... Menos um, justamente, aquele que não se vê: o único, genuíno e singular, qual seja, o eu interior, pura paixão, nascido - em dores - de si mesmo, na relação íntima e face a Face.

Em oposição a consciência que se expande, fruto da relação e do conhecimento dessa relação, surge a desatenção, artimanha da memória que clama por esquecer-se de si, para desatualizada, tornar-se um arquivo caleidoscópico e impessoal, assassinando as recordações decisivamente significativas, desperdiçando o instante imortal e fugaz cuja vivência o levaria a conquista da eternidade. Numa disposição interna para o embotamento, a criatura elege encher-se de mundo, ser estrangeiro de si próprio e nesse mote, vai coxeando com as aparências e chutando com o calcanhar o eu escorraçado, que sempre emerge sinalizando para o instante de eternidade, que pode ocorrer a partir do decisivo instante da escolha. Daí, precisamente, o desespero que o agita por dentro e nunca o abandona, enquanto ele deseja, sempre, os objetos que se perfilam diante dele. Abrasado pelas possibilidades ilimitadas vai desesperando a cada momento - o seu "agora" não passa de experiências pretéritas, que se repetem infinitamente. Em não encontrando, jamais, seu propósito existencial, prossegue com um conhecimento muito, muitíssimo, brumoso de si

mesmo.

Nessa luta renhida contra o adversário que é mais forte que ele mesmo, ou seja, sua própria vontade em recusar querer ser seu verdadeiro eu, acaba por sucumbir, na tentativa infrutífera de querer separar o seu eu do seu Autor assim ele é todo desespero e até sua alegria se compõe de um forro de dores... A comunicação entre o indivíduo e o Eterno se estabelece na presença de uma entrega recíproca e de um amor absolutamente incondicional. Na eterna presença... Completar a curva da existência até atingir o alvo, cujo centro chama-se: Eu Sou, eis a urgência em que todos, mas, exclusivamente, cada um, em particular, deve aplicar seus interesses. O lugar do Eterno é indispensável para a realização existencial do indivíduo, é na relação que o indivíduo se reveste da sua identidade indestrutível, por ser imortalmente eterna! Precisamente nesse ponto ocorre o encontro com o Eu Sou. Longe de todas as acomodações e conformações pequeno-burguesas, que corrompem a relação com Deus rebaixando-a, a um relacionamento de meros exercícios comerciais visando, apenas, o sucesso, os lucros imediatos e as barganhas inomináveis obscurecendo desse modo, a luz que o faria vislumbrar o caminho. Essa trajetória não permite movimentos negligentes por tratar-se aqui de uma experiência singularmente arriscada, particularmente individual e vivida em temor e tremor.

(1) Soren A. Kierkegaard

(2) Nesse contexto *beobachten* - observar, será melhor entendido em oposição a *zublicken* - contemplar, esse último aludindo a uma vivência intensa e profunda que se dá na presença; ao passo que o primeiro, guarda uma reserva, uma distância, do objeto observado.

Renê Pereira Melo Vasconcellos é psicóloga clínica, doutora em Ciências Políticas e Sociologia pela Universidad Pontificia de Salamanca, Espanha.

DIAPASÃO

por Eduardo Vasconcellos

A verdadeira inclusão digital

Tem-se propagado a falsa idéia de que o aumento do número de computadores disponíveis para a população, por si só, significa inclusão digital. É verdade, porém, que sem computadores nunca teremos um programa de inclusão digital funcionando. No entanto, oferecer o acesso ao computador e não educar o seu uso ou, melhor, direcionar o uso dessa ferramenta para um fim específico é como dar um carro a alguém e não lhe ensinar a dirigir, não mencionar que existem regras de trânsito e, talvez até, nem ensinar a trocar um pneu furado.

Assistimos em Maceió e em outras capitais brasileiras o aumento do número de *lan nets*, *cyber lans*, ou qualquer nome que o valha, inclusive em bairros periféricos das cidades, o que tem sido interpretado erroneamente como um processo de inclusão digital. Nada mais aleivoso do que considerar seus usuários como cidadãos digitalmente alfabetizados. Primeiro, porque uma iniciativa como essa visa exclusivamente o lucro de seu proprietário sem qualquer compromisso com o usuário que não seja o seu dinheiro. Segundo, porque, verdadeiramente, o conteúdo a que têm acesso os ditos internautas pode ser considerado o lixo sideral da galáctica rede. Jogos em rede, *blogs* e *fotologs* passam bem longe de um programa de educação digital.

É bem difícil imaginar um verdadeiro programa de inclusão sem o compromisso do poder público ou, ao menos, o seu reconhecimento, apoio ou incentivo. Esse é o primeiro item, ou o ponto de partida. O segundo, que seu acesso não esteja condicionado ao pagamento, isto é, que exista gratuidade no sistema. E terceiro, o mais importante, que haja um projeto educativo com metas e resultados, acompanhamento e inclusão no mercado de trabalho, a verdadeira finalidade do projeto. Evidentemente, isso não ocorrerá em um espaço que não tenha sido planejado especificamente para esse fim e sem pessoas treinadas com esse objetivo.

DIVIME Artesanato
Fabricamos todos os tipos de móveis em Vime, Junco, Cana da Índia, Ratan, Palhinha, etc



Av. Juca Sampaio, 204
Barro Duro Maceió-AL
9341-7918 / 8809-6082

Parmegianno
Restaurante & Pizzaria

Delivery
3328.4040